



QUARTAS DE FINAL

Pela primeira vez em quase 100 anos, quartas de final começam sem nenhum dos “Reis de Copas”. Fracassos seguidos de Brasil (5 títulos), Alemanha (4) e Itália (4) abrem caminho para emergentes

Uma nova ordem mundial?

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — As quartas de final da Copa do Mundo de 2026 começam hoje com um recado contundente aos recordistas de título: acabou a era da vaga cativa entre os oito melhores. Pela primeira vez, em quase 100 anos de história do torneio inaugurado em 1930, essa fase não tem nenhum dos Reis de Copas entre os classificados: o pentacampeão Brasil e as tetracampeãs Alemanha e Itália. O trio não chega simultaneamente a essa etapa desde 2006.

A corrida pela ida ao MetLife Stadium, em 19 de julho, continua com uma espécie de Eurocopa com dois intrusos. A atual campeã Argentina representa a América do Sul, e Marrocos, a África, contra o sexteto formado por Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Noruega e Suíça. Dos oito integrantes da sala de troféus, quatro disputam as quartas.

O primeiro sinal da decadência dos recordistas foi dado pela Squadra Azzurra. Campeã em 1934, 1938, 1982 e 2006, a Itália caiu na fase de grupos em 2010 na África do Sul e em 2014 no Brasil. Depois dos fiascos, a potência se viu diante do maior vexame: três ausências consecutivas na Copa do Mundo com eliminações na repescagem contra Suécia, Macedônia do Norte e Bósnia e Herzegovina. A última é a mais constrangedora, devido à expansão do número de participantes no torneio de 32 para 48 seleções.

O Brasil teve uma dura lição em casa, mas, até hoje, não aprendeu com a maior humilhação do esporte: a eliminação por 7 x 1 contra a Alemanha, no Mineirão, em Belo

Odd Andersen/AFP



Vini Jr., um dos poucos nomes a brilhar na pior campanha do Brasil

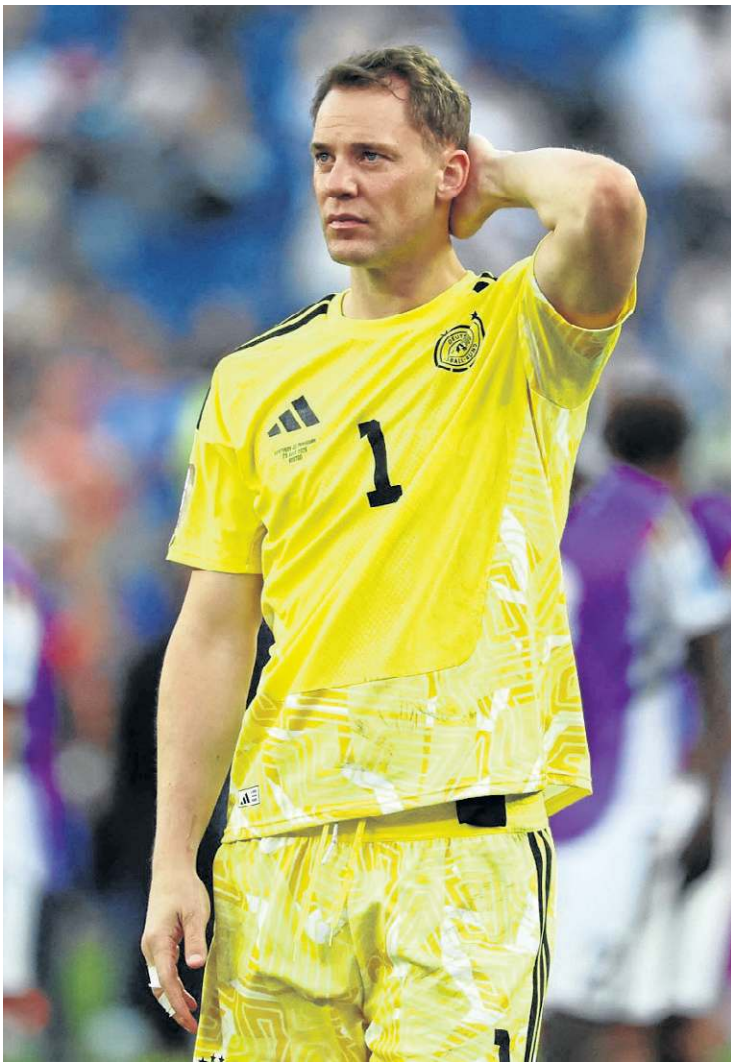
Horizonte, numa semifinal de Copa do Mundo. O fundo do poço parecia ter chegado, mas estava reservado ao ciclo encerrado no último domingo, com a derrota por 2 x 1 para a Noruega.

A Seleção recordista de troféus não se despedia nas oitavas de

final havia 36 anos, desde o passe de Diego Armando Maradona para Claudio Caniggia decretar o adeus nas oitavas de final da edição disputada na Itália.

Depois da eliminação contra a Croácia, em 2022, o Brasil acumulou sinais de que passaria vergonha

Franck Fife/AFP



Do céu ao inferno: desde o título de 2014, Neuer soma eliminações precoces

em 2026. Caiu nas quartas de final da Copa América, em 2024, nos Estados Unidos. Encerrou as Eliminatórias da América do Sul em quinto lugar. No sistema atual, avançou sem repescagem porque eram sete vagas diretas. No antigo modelo, teria de disputá-la.

Fora do top 10

O fiasco se consumou na Copa com um empate abaixo da crítica contra Marrocos na estreia, vitórias protocolares contra o Haiti e a Escócia, uma virada sofrida contra o Japão na fase de 16 avos e a sexta

eliminação consecutiva contra europeus no duelo com a Noruega nas oitavas de final com míseros 34% de posse de bola. Apontada como solução desde o 7 x 1, a contratação de um técnico importado deu ao Brasil o 11º lugar, a pior classificação na Copa desde o adeus na fase de grupos na versão de 1966.

Fonte de inspiração depois da conquista do tetracampeonato no Maracanã, em 2014, a Alemanha também se perdeu. Em 2018, caiu na fase de grupos em um grupo no qual competia com a Suécia, o México e a Coreia do Sul. A história se repetiu quatro anos depois na primeira etapa da competição contra Espanha, Japão e Costa Rica.

O início da campanha na América do Norte deu a falsa impressão de novos tempos na goleada por 7 x 1 contra Curaçao e a virada no duelo com a Costa do Marfim. A derrota para o Equador foi o trailer de mais um filme de terror gravado na fase de 16 avos na eliminação precoce contra o Paraguai na decisão por pênaltis Foxborough Stadium, em Boston.

Por falar nas arenas, as quartas de final de 2026 quebram uma escrita de 32 anos. O palco da finalíssima não receberá jogos das quartas de final pela primeira vez desde 1994, a primeira edição disputada nos EUA. À época, o Rose Bowl, em Pasadena, foi poupado pela Fifa e só voltou à cena nas semifinais.

Em 2026, o MetLife Stadium não tem agenda nas quartas nem nas semi. Diferentemente do ano passado, quando abrigou as duas semifinais e a decisão da Copa do Mundo de Clubes da Fifa, o palco principal da festa em East Rutherford, sede compartilhada pelas vizinhas Nova Jersey e Nova York, está totalmente blindada para o capítulo final do torneio.

MÉXICO



Orgulho da seleção aflora nas ruas do país

JOÃO VÍTOR MARQUES
ENVIADO ESPECIAL

Cidade do México — Para nós, brasileiros, poderia parecer uma contradição. Para os mexicanos, é sinal de orgulho. Dois dias após a dolorosa eliminação em casa na Copa do Mundo, milhares foram às ruas da Cidade do México com a camisa verde, vermelha e branca. “Estou vestindo a camisa porque tenho orgulho de ser mexicana e sempre apoio a minha seleção, seja qual for o resultado. Ainda estou com as emoções à flor da pele, eles nos deram um grande Mundial, e nós somos uma grande torcida”, disse Lilian Valle, de 58 anos.

O Mundial acabou para México no domingo. A derrota por 3 X 2 para a Inglaterra, no Estádio Azteca, também marcou o último jogo desta edição no país — todas as partidas a partir das quartas de final serão nos Estados Unidos.

Mesmo assim, o clima de Copa ainda reina. Na Plaza de la Constitución, os mexicanos se juntaram aos colombianos na torcida contra a Suíça. Nas ruas da capital, só se fala de futebol. Um vendedor, inconformado, bradava na Alameda Central: “Roubaram o Egito! A Copa está comprada para a Argentina?”

Uns passos adiante, cerca de 150 pessoas de várias idades se reuniam para trocar figurinhas do

álbum da competição em plena tarde de terça-feira. “Acho que me faltam umas 70, mas logo completo”, contou Torriz Martínez, de 19 anos. Armando Zavala, 28, não estava ali para trocar, mas para vender. A mais cara? A dourada de Cristiano Ronaldo, por 3,5 mil pesos (pouco mais de R\$ 1 mil na cotação atual). “Vale mais que a de Messi porque é melhor”, debocha.

A convencional mais cara do Brasil é a do atacante Vini Jr., por 50 pesos (R\$ 14,71), bem menos do que as similares de Cristiano e Messi, que custam até sete vezes mais. Ele conta que o movimento não diminuiu, mesmo com a queda do México nas oitavas de final.

O México chegou à Copa sob desconfiança, após um ciclo sem brilho. Porém, quando a bola rolou, o time jogou bem — ganhou os quatro primeiros jogos — e dominou a Inglaterra, apesar da derrota. O bom desempenho ajuda a explicar o orgulho.

“Não sou tão velho, mas é a primeira vez que vejo tanta gente apoiando a seleção. Foi um Mundial muito diferente para todos, sinto que isso marca como um novo início, algo diferente para depois”, diz Santiago Ruíz, 22.

“Dói, estamos um pouco tristes, na verdade, mas também orgulhosos. Foi um bom Mundial em casa, caímos de cabeça erguida”, reforça Sebastián Ruiz, 30.

João Vitor Marques/CB/D.A Press



Com o país fora da Copa, mexicanos torceram pela Colômbia contra a Suíça

GRANDES PELADAS DA COPA



POR: VINICIUS DORIA



SUÍÇA  0 (4) X (3) 0  COLÔMBIA

Hora das peladas com grife

Entre partidas inesquecíveis, como as da Argentina contra seleções africanas, uma penca de confrontos “esquecíveis” nos mata-matas

Quarta-feira detox, um dia inteiro sem jogos da Copa do Mundo para reorganizar a vida, ir ao supermercado, cuidar do gato, beijar os filhos, varrer a casa, fazer tudo o que vinha sendo adiado nas últimas três semanas por causa da overdose de bola rolando. Ainda bem que hoje já tem jogo novamente, não dá tempo para entrar em crise de abstinência. Ontem foi um dia bom, também, para fazer um pequeno balanço das duas primeiras fases de mata-mata. Prato cheio para os abnegados amantes da boa (ou má) pelada.

Entre partidas inesquecíveis, como as duas que a Argentina fez contra seleções africanas, houve uma penca de jogos “esquecíveis”. Não apenas pela baixa qualidade técnica de muitas das seleções classificadas, mas pelo

desempenho sofrível de algumas camisas “pesadas”, como Alemanha, Holanda, Brasil e Portugal, que brindaram o torcedor com peladas muito chiques, do tipo “rachão de condomínio de luxo” — aqueles com uniformes impecáveis, chuteiras de grife, juiz contratado e futebol medíocre.

Um dos piores jogos dos mata-matas foi, justamente, o que abriu os 16 avos de final, entre o anfitrião Canadá e a África do Sul, dois países da quarta prateleira do futebol internacional. Daquele mato dificilmente sairia coelho. Mas, em uma jogada acidental quando a partida se encaminhava para a prorrogação, Eustáquio acertou um rebote que levou uma das anfitriãs às oitavas.

A partida que eliminou a prepotente Alemanha também foi um

primor de mau futebol. É incrível como o Paraguai, que tem um time horróroso, conseguiu passar de fase. Enquanto a Alemanha jogava no tradicional 4-3-3, os paraguaios apostavam no 9-1-0, variando para o 10-0 quando atacados. Deu certo contra os burocráticos alemães, mas falhou quando o adversário foi a França de Mbappé, Olise & cia. Tchau, Paraguai. Com esse antifutebol, não fará falta alguma, como os alemães não fizeram.

Outro sul-americano que naufragou no mau futebol foi o Brasil. A CBF levou à América do Norte uma seleção em seu melhor momento pelada. Um bando de veteranos à espera da aposentadoria muito mais preocupados com o cabelo e as redes sociais, ladeados por alguns jovens talentos que

poucas oportunidades tiveram para mostrar alguma coisa.

Pelo que jogou contra o Japão, a Seleção Brasileira recebeu cartão amarelo. No jogo seguinte, contra os vikings do Norte, cartão vermelho. Em campo, duas peladas bem ruins de se ver. Na eliminação, só os noruegueses se divertiram: eles têm Haaland e Odegard para dar algum brilho técnico ao velho esporte bretão praticado nas bordas do Círculo Polar Ártico. Bye, bye, Brasil, a última ficha caiu: são seis Copas sem título. Hexadecção, como sintetizou a manchete deste **Correio**.

O futebol da América do Sul, definitivamente, está em decadência. Com exceção da Argentina (que está longe de apresentar bons espetáculos, mas quem tem Messi sempre será exceção),

vimos Uruguai (eliminado na fase de grupos), Brasil, Colômbia, Paraguai e Equador caindo como peças de dominó. A Europa, por sua vez, emplacou seis dos oito classificados às quartas de final. Taí, nos resultados, a diferença. Estamos no mesmo nível da África, que também classificou um país — Marrocos, a melhor seleção de lá. Poderia ter mais, se os faraós do Egito não tivessem tremido no fim diante da invasão platense comandada pelo maior fenômeno do futebol mundial na atualidade.

Mas a coluna é sobre grandes peladas. Para atender aos caprichos dos deuses do futebol, da mesma forma que os mata-matas começaram com um jogo de várzea, as oitavas foram encerradas, igualmente, com um bate-bola daqueles de dar calo na vista.

A Suíça, que joga futebol com a mesma emoção de quem fabrica relógios e canivetes, despachou a Colômbia do ótimo Jhon Arias nos pênaltis, depois de mais de 130 minutos (com os acréscimos) de zero absoluto.

Uma ressalva: a Fifa prejudicou bem a Colômbia, única seleção que foi obrigada a jogar nas três sedes do Mundial: EUA, Canadá e México. O time de Néstor Lorenzo não foi disputar uma Copa do Mundo, foi fazer turismo ao melhor estilo CVC: visite 64 cidades em 21 dias. Passou mais tempo em aeroportos e aviões do que treinando. Na terça-feira, porém, se nossos vizinhos tivessem um pouco mais de ambição, levariam a classificação. Mas se contentaram em fazer a grande pelada das oitavas de final.